JORNAL ACADÉMICO

ARAUTO

1957
NOVEMBRO
ANO I
N.º 2

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES
Henrique Barreiros e Manuel Paulino

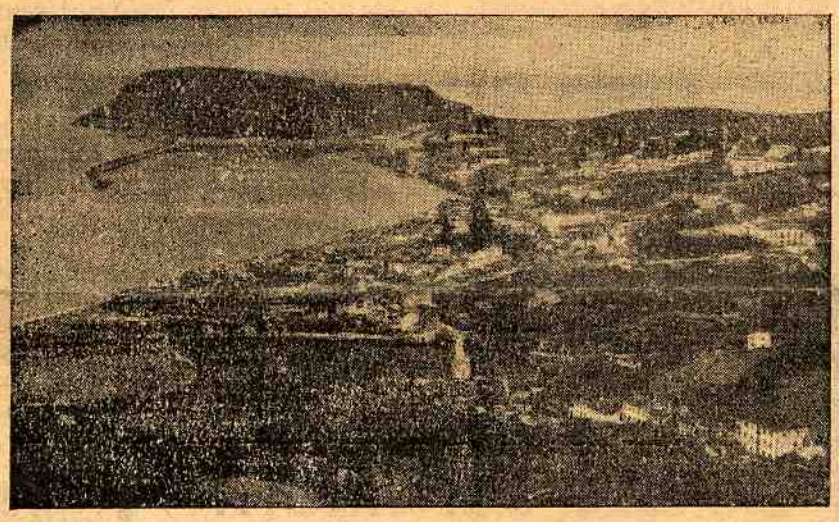
Redacção e Administração
LICEU NACIONAL DA HORTA

A EXCURSÃO do Liceu de Ponta Delgada na Horta

No passado dia 16 do corrente chegou à Horta uma excursão de estudantes do Liceu de Ponta Delgada, que era ansiosamente aguardada pelos faialenses.

Acompanhavam os excursionistas os Srs. Professores, Dr.ª D. Nair Odette Borges e Dr. Ilídio Corvelo Sardoeiro, respectivamente professores de Francês e de Ciências Naturais daquele Estabelecimento de Ensino.

No cais de desembarque encontrava-se o sr. Dr. Tomás da Rosa, que em nome do sr. Reitor do Liceu da Horta, apresentou cumprimentos aos srs. Professores do Liceu de Ponta Delgada. Encontrava-se também no cais, um grupo de alunos do nosso Liceu, a fim de receber os seus colegas de S. Miguel.



Os estudantes micaelenses não se cansaram de contemplar o deslumbrante multicolor da cidade da Horta, vista da Espalamaca

No mesmo acto de desembarque compareceu, embora não oficialmente, o Ex.mo Presidente Substituto da Junta Geral, sr. Dr. António de Lacerda Forjaz, que, acedendo às diligências efectuadas pelo sr. Reitor do Liceu da Horta, pôs à disposição dos Senhores Professores que dirigiam a excursão um automóvel da Junta-Geral.

Pelas 16 horas, os visitantes dirigiram-se ao Palácio do Governo Civil, onde apresentaram cumprimentos a Sua Excelência o Governador do Distrito, que lhes ofereceu transporte gratuito em camioneta, para os percursos que efectuassem durante a sua permanência na Horta.

Seguidamente, e acompanhados pelos seus colegas faialenses, visitaram o nosso Liceu.

A' noite assistiram a uma sessão de Bingo na Sociedade «Amor da Pátria», que decorreu muito animadamente, e para a qual haviam sido convidados pelo Ex.mo Presidente daquela Sociedade.

No Domingo, pelas 9,30, e acompanhados por estudantes faialenses, visitaram o Miradouro da Espalamaca, a Caldeira, os Flamengos e Ponta Furada, regressando à cidade cerca das 13 horas.

A' tarde, partiram novamente do Largo do Infante, com destino ao Capelo, acompanhados pelos Professores, Dr.ª Nair Odette e Dr. Ilídio Sardoeiro, de Ponta Delgada, Dr. Manuel Luís da Rocha Silveiro, Reitor do Liceu da Horta, e pelos srs. Eng. Frederico Machado, Director das Obras Públicas, e Dr. António de Lacerda Forjaz, Presidente Substituto da Junta Geral do Distrito.

Primeiramente visitaram o Edifício do Balneário das Termas, no Varadouro, e em seguida os Capelinhos pela Estrada do Norte Pequeno.

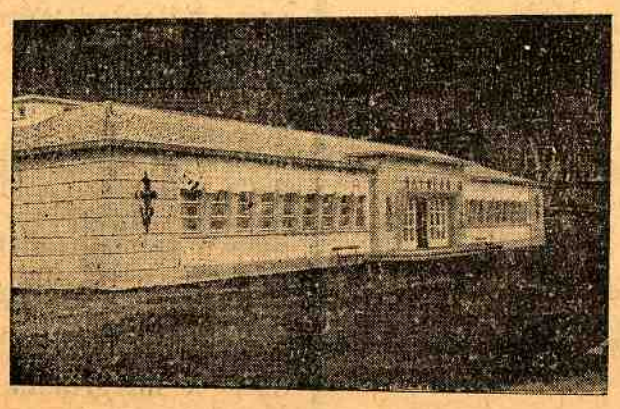
Uma vez em frente do vulcão, vários grupos de estudantes não resistiram à tentação de escalar a ilha, a fim de atingirem a borda da cratera. Neste feito, sòmente um grupo conseguiu o seu objectivo. Faziam parte desse grupo os estudantes Álvaro França, Durval Gomes, Eduardo Cabido e Carlos Sebastião, todos do Liceu de Ponta Delgada, e Henrique Barreiros, do Liceu da Horta.

Era já noite quando se empreendeu o regresso, tendo sido oferecida pela Junta-Geral uma refeição aos estudantes.

A viagem decorreu num ambiente vivamente académico, onde se notava franca camaradagem entre os estudantes micaelenses e os faialenses, que os acompanhavam.

A's 21,30 horas, a Sociedade Amor da Pátria, dedicou aos visitantes um serão dançante, que decorreu muito animado.

Pelas 8 horas de segunda-feira partiam os excursionistas, levando certamente gratas recordações da nossa ilha, tendo no cais, apresentado cumprimentos de despedida aos senhores Professores e alunos visitantes, a Sr.ª Dr.ª Fernanda Aurea Mota Gomes, Directora do 3.º ciclo do nosso Liceu, e Sua Excelência, o Governador do Distrito, Sr. Dr. António de Freitas Pimentel.



O Edifício do Balneário, no Varadouro, que os componentes da excursão visitaram

Querer é Poder!

«O manto tenebroso da escuridão é todo o seu horizonte visual. Porém uma luz brilha na imensidade negra da planície quase deserta e, contudo, aquela meta cintilante tem de ser alcançada forçosamente pelo herói da novela de fadas e de bruxas, porque ali há o palácio encantado; o princípio ou o fim duma estranha aventura». Assim nos contavam as nossas avós, ou soletrávamos as letras gordas duma história da «Carochinha», quando éramos crianças.

«Os homini sublime dedit» - Cada homem é capaz de um ideal.

Já lá vai a nossa meninice, a idade dos sonhos. Acabaram-se as fantasias das fadas e das bruxas, mas a luz, aquela estrela cintilante, continua a brilhar; não num palácio encantado, porque esse, então, já não existe, mas, sim, num palácio real—o objectivo que cada homem pretende alcançar.

A escuridão e os espinhos cercam-nos. A caminhada é longa, contudo para a juventude não existem obstáculos; lutar, vencer ou ser vencido inexoràvelmente!

A instrução, aquela planície imensa, tem de ser alcançada e atravessada em linha recta e de fronte erguida. Os espinhos que surgirão devem ser dobrados ainda que vagarosamente.

Quanto mais prudentemente trilharmos a vereda, menos serão os perigos de nos magoarmos e mais depressa será atingida a meta.

O ideal do homem, farol radioso, não se apaga e vamos avançando para ele passo a passo. Não é mister voltar-lhe a cara, e, então, caminhamos para o meio da luta, envolvidos nas fúrias da existência. Para essa batalha, para essa conquista, é que o homem é HOMEM e não um ser vulgar da criação, mas um ser capaz de querer, capaz de poder, capaz de um ideal.

(Segue na 2.ª página)

O Primeiro de Dezembro

O primeiro de Dezembro, o dia da Restauração, é uma das festas mais empolgantes da nossa história. Neste dia a nossa alma sente-se envolvida por uma onda de orgulhoso patriotismo, ao evocar a bravura e ideal da independência dos nossos avós que não hesitaram em derramar o seu sangue, para dar a Portugal a sua liberdade e impô-lo ao respeito e admiração dos outros povos.

E a mocidade faialense, particularmente nós os estudantes, na nossa qualidade de continuadores da obra gloriosa dos nossos antepassados, ao lado da juventude de todo o país, não podíamos deixar passar este

(Segue na 2.ª página)

MOCIDADE PORTUGUESA

Foi em 1936 que se criou a «Organização Nacional Mocidade Portuguesa» com os fins técnicos de promover e auxiliar o desenvolvimento moral, intelectual e físico de toda a Juventude, escolar ou não, em cooperação com a família, a igreja e a escola, para preparar novas gerações para a vida, uma vida mais alta, uma vida melhor.

Infelizmente nem todos compreendem o valor da M. P. julgando-a por vezes uma secção de um partido político, uma associação religiosa ou até mesmo uma organização militar ou desportiva.

> Portugal há-de ser o que for a M. P.; e a nossa organização ou renasce para viver definitivamente, ou morrerá deixando o país entregue, num futuro mais ou menos próximo, à desorientação, ao acaso das contigências externas.
>
> **Luís Pinto Coelho**

Ora, não é nada disto, porque a M. P. não procura impor uma política ou religião, não procura fazer dos seus filiados indivíduos em que a aprendizagem militar tenha lugar mais importante do que a verdadeira educação moral, mas sim pretende formar uma Juventude de «almas sãs em corpos sãos», uma Juventude que se preocupa exclusivamente com a grandeza, felicidade e honra de Portugal.

Chico

A Vida de um Estudante

Mal acabamos de balbuciar as primeiras palavras e de ter um íntimo convívio com os pais, já estamos a soletrar, aprendendo o a, e, i, o, u.

A propósito lembro-me de um caso interessante. — Certo pai zeloso da educação do seu filho, desde muito cedo que lhe começara a ensinar as vogais do alfabeto. Porém, caso invulgar, o pequeno sòmente era capaz de pronunciar o *a*.

Deveras intrigado com tal estranha atitude do filho, e sabendo a grande intimidade que tinha para com a criada, perguntou-lhe a razão porque o miúdo só dizia a primeira vogal,

—E' que o menino é muito preguiçoso, e, como não gosta de soletrar, não pronuncia, para que não o obriguem a dizer as outras.

Sem dúvida alguma que muito cedo começamos a lidar com colegas e professores, aprendendo os primeiros rudimentos da língua materna!

O tempo passa. Começamos a antever o

(Segue na 2.ª página)

JORNAL DA MOCIDADE -- PARA A MOCIDADE

Vamos Pensar...

Quís contribuir com uma parcela do meu esforço para o nosso jornal e, sentada à minha mesa de trabalho, hesitei sobre qual o assunto a ventilar.

Depois de alguns momentos, decidi-me a escrever o que penso sobre um dos grandes divertimentos da sociedade — a dança, por achar que é assunto velho, mas sempre novo.

Cada um de nós, e especialmente a juventude, necessita de trabalhar, repousar e divertir-se conforme a sua situação dentro da sociedade: assim uns trabalham mais do que outros, consoante a necessidade que têm, variando também os divertimentos de classe para classe.

No entanto, os bailes invadiram todas as classes e tanto pobres como ricos gostam de dançar (poucos por amor à arte e a maior parte por amor à diversão).

A dança em si é uma arte como a pintura e a escultura, mas uma arte que nos nossos dias degenerou, tansformando-se em máscara sob a qual se praticam as maiores imoralidades.

Refiro-me, quando digo dança, à que se pratica nos bailes e não no palco, porque nesta, graças a Deus, ainda há espírito de Arte.

Penso até que, enquanto a civilização tem progredido a passos de gigante nos últimos tempos, a chamada dança de salão tem retrogradado, partindo da valsa, passando pelo tango, samba etc., chegando-se à impressionante dança de pretos que é o «Rock and Roll» dos nossos dias; e digo dança de pretos, porque uma jornalista americana descobriu que os indígenas da ilha de Ceilão têm uma dança sagrada muito parecida com o Rock and Roll Americano.

A poucos bailes tenho assistido, já porque a minha pouca idade mo não permite, já porque não é esse também, o meu divertimento preferido. No entanto pelas conversas que tenho ouvido a pessoas que os frequentam, fiquei com uma ideia do espírito que preside aos bailes modernos.

Estou convencida de que se podem frequentar os bailes sem macular a dignidade, para o que é necessária uma boa formação moral e grande força de vontade.

Por outro lado, quantos rapazes e raparigas não conseguem singrar na estrada da vida, por se deixarem arrastar pelo abismo das paixões, começando a manifestar uma grande tibieza no que respeita a ofícios religiosos! E se esses rapazes e estas raparigas procurarem analisar-se intimamente encontrarão entre as principais causas — «os bailes».

O mal que nos possa fazer um baile, não são muitas vezes as acções mas sim os pensamentos que nos ocorrem que não são dos mais edificantes, influenciados pelo ambiente.

Não quero de maneira alguma com este artigo censurar em absoluto todos e quaisquer bailes, mas sim fazer considerações sobre os perigos que eles encerram, e lembrar que ao frequentá-los nunca nos esqueçamos de que temos um alto ideal na vida, é que somos alunas e alunos do Liceu, portanto com mais responsabilidades perante a Sociedade.

Lídia M. Goulart
5.º Ano

«UMPASSEIO»

Um dia eu e alguns companheiros resolvemos dar um passeio ao mato, — e quando o Sol começava a brilhar por entre a espessa neblina do céu, já tinhamos empreendido a nossa viagem.

Foi pelo caminho, que pudemos apreciar toda a beleza do campo. Flores, embelezando a paisagem e perfumando o ar, ribeiras a correr vagarosamente por entre camadas espessas de bonita vegetação, e borboletas de cores vivas, bailando alegres sobre as pétalas das flores.

De vez em quando olhávamos para o lugar da partida, mas só podíamos avistar lá ao fundo os prados verdejantes e encantadores.

Já o Sol iluminava todo o céu quando chegámos ao cimo duma encosta íngreme.

Lá, onde o ar tomava um aspecto, mais saudável, e os pássaros entoavam as suas encantadoras canções, nós deleitávamo-nos ao encontrar aquela maravilha das maravilhas.

Lá mais além, vimos um lugar onde o Sol se espraiava.

Corremos a esse sítio e reparámos com grande alegria que tínhamos chegado ao lugar ambicionado. Era uma alagoa de águas claras onde habitavam dezenas de peixinhos vermelhos.

Aí depois de passarmos um momento extasiados pelo que víamos, empreendemos o regresso aos nossos lares onde retomámos os livros de estudo, porque o nunca esquecemos os nossos deveres de bons estudantes, para um dia podermos ser Alguém.

Herminio Garcia Custódio
2.º Ano B

Agradecimento à Imprensa Distrital

O «Correio da Horta», «O Telégrafo» e «O Dever», tiveram a gentileza de saudarem elogiosamente o nosso jornal, apoiando a iniciativa.

Aqui registamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Querer é Poder!

(Conclusão da 1.ª página)

Lutamos cheios de vida, de força de vontade, de fé e de carácter, e lá vamos caminhando, primeiro vacilantes, depois firmes e confiantes, porque somos capazes de tudo, somos dotados de uma inteligência.

Passam por nós as canseiras, os revezes da vida, até a amargura das lágrimas, mas não desanimamos e a luta continua sempre, mais pertinaz, mais dura. Infelizmente alguns fraquejam e ficam adormecidos ao abrigo das árvores da planície — São estes os incrédulos, os fracos, os cobardes, os vencidos da vida, enfim, os que não foram capazes de um ideal nem de travarem uma batalha. Outros sucumbem, nas refregas da peleja – São os vencidos do destino, daquela força sobre-humana que não poupa vontades nem ideais, mas são homens que tombam no seu posto, sem uma vacilação.

Há também a desigualdade nas lutas proveniente da desigualdade dos ideais, bem como da diversidade dos campos de batalha, e daqui resulta haver metas a distâncias diferentes. Porém não deixa de ser META, o ponto máximo da perfeição de cada indivíduo, o ponto onde a nossa conquista será coroada de êxito.

As vezes, a nossa insaciabilidade é notória nos ideais, e então, depois de vencida uma meta, surge logo outra e assim sucessivamente. Quantas vezes chegamos a velhos insatisfeitos!

Porém, trabalhando metòdicamente, cada um tem possibilidades de atingir a perfeição intelectual e física conforme o seu ideal, ficando finalmente iluminado pela luz que parecia tão distante e tão difícil de alcançar.

Que prazer contemplar a nossa coroa de louros!

E ao olharmos para trás, veremos o trilho inóspito que percorremos como uma coisa remota, uma recordação indelével da luta travada pela existência que merece ser vivida, porque a luz ofuscante que nos rodeia é bem digna de tal conquista.

O apogeu foi atingido à custa do suor e das lágrimas, que regaram o nosso rosto numa memorável batalha. Contudo o trabalho não findou, não vamos descansar, mas estar sempre vigilantes, sempre prontos a entrar em novo combate.

E' forçoso que a luz não perca algo do seu brilho, da sua radiosidade, que não seja ferida pela aragem da planície, e vamos trabalhar sempre para que ela continue com a beleza do princípio e do fim, a beleza para que foi criada — A integridade do Homem...

QUERER É PODER!

Norberto Trigueiro

O Primeiro de Dezembro

(Conclusão da 1.ª pág.ª)

dia tão grande para a nossa história, sem lançarmos um brado de amor e orgulho como os nossos antepassados de há três séculos: Viva a independência nacional! Viva Portugal!

E assim essa alegria da liberdade era manifestada, há ainda poucos anos, em expressões bem claras e cânticos patrióticos que ainda presentemente se repetem pelas ruas da cidade, ao som da música triunfal da Alvorada. Esses cânticos repletos de um patriotismo ardente, levam a todos os lares um pouco do nosso entusiasmo, infundem em todos os corações a confiança na nossa pátria que foi e será sempre grande.

Maria Norberta de Simas Bettencourt

A Vida de um Estudante

(*Conclusão da 1.ª página*)

que será a vida escolar, o convívio com os colegas, as lições do mestre, e pouco depois temos essa realidade; umas vezes debaixo do sol ardente, outras debaixo das chuvas do inverno, é ver as crianças com a sua mala a tiracolo dirigindo-se para a escola.

O tempo passa lentamente. Depois de rasgarmos as primeiras calças nos bancos das escolas, de tomarmos medo ao inexorável vime do mestre, lá começamos a fazer os longos serões de inverno, trabalhando, sempre trabalhando. Com o hábito não estranhamos esta lide diária.

O Verão aproxima-se. Ansiosos olhamos o calendário, desejando que o tempo passe depressa.

. . . . . .

Volvidos quatro anos, novos mestres, novos colegas; pela primeira vez sentimos alegrias e cólicas. As chamadas e os exercícios chovem. Somos estudantes do Liceu! E é ver o bom aluno e o «cábula» —um estudando dia a dia as suas lições, e o outro «o cábula»...

Finalmente meses depois a etapa é ganha. Contudo, olhamos tristonhos para alguns dos nossos colegas, que menos felizes do que nós por falta de aplicação, não lograram vencer.

Vê-se o calendário... O tempo passou. Mais anos volveram. Esse rapazola que anos antes se envaidecia com as primeiras calças compridas, já rompeu muitas nos bancos do Liceu.

Desponta nele um homem ciente dos seus deveres, que se aplica com mais alegria ao estudo, até que respira aliviado quando, lançando os olhos pela pauta, vê que os seus esforços foram coroados de êxito.

E o 5.º ano passa à história.

Começa a estudar agora por si próprio. Ninguém lhe guia os passos, pois ele já se sente homem capaz de se guiar a si próprio.

O tempo continua a passar e esse miúdo de calções e de mala a tiracolo é agora um homem de capa negra ondulando ao vento, homem que em pouco irá servir a Nação.

Volvem-se os olhos para o passado e evoca-se uma proeza do 2.º ano, o baile do 5.º ano etc.

Mas os anos não voltam...

Esses professores que se sentam agora numa secretária foram a infância de outrora, a juventude de há pouco e os adultos de hoje, que encaminham os alunos e assim continuam a sentir, embora um pouco mais distanciada, a vida de estudante.

E o tempo? Esse passou e não volta. A meada da existência continua a desenvolver-se. E' o ciclo da vida...

Humberto Silveira

Era assim o 5.º ANO...

12 - 5 - 1957

«A excursão»

Ao chegarmos à Silveira,
A malta estava àlerta,
Pois aí acabaria
Tanta fominha encoberta.

E nem o Sol, tão quentinho,
Na pitoresca Silveira,
Nos fez uns minutos
De animada brincadeira.

Mas eis que logo aparecem
Aos olhares cubiçosos,
Mesmo ali, a dois passinhos...
Limões, tão apetitosos!

A malta, não teve culpa.
O «ring» foi o culpado.
Sempre a saltar o muro...
Que «ring» mal educado!

E é claro, ele ao vir
Não podia vir sòzinho,
Trazia sempre consigo
Agradável limãozinho.

E tantas vezes saltou,
Que os limões, quase andavam...
E por pouco que no prédio,
Só os limoeiros ficavam!

Mas por fim, todos contentes
Prosseguiram na excursão,
Deixando no chão ficar
Tanta casca de limão!!!

Maria Antónia
Novembro de 1957

JORNAL DA MOCIDADE-PARA A MOCIDADE

O "ARAUTO" pelo Desporto e pela Educação Física

Faz Ginástica pela Manhã

II SÉRIE

I — De pé, pernas afastadas: — Incline o tronco para frente o mais que puder; depois levante-o jogando os braços para trás.

II — De pé: — Leve a perna esquerda para frente e a perna d. para trás: ao mesmo tempo leve o b. estendido para a frente e o b. esq. flexionado para trás: depois faça o mesmo exerc. com o outro lado do corpo.

III — De pé, braços estendidos horizontalmente: — Eleve a perna esq. ora a dir. e ao mesmo tempo o tronco para trás ficando em posição de equilíbrio.

IV — De pé, pernas bem juntas: — Incline o tronco para a frente com os b. estendidos procurando com as mãos o mais à frente possível; depois volte à posição de pé.

V — De pé, pernas bem afastadas e b. estendidos horizontalmente: — Procure tocar ora com a mão esq. ora com a mão dir. no solo, entre as duas pernas.

VI — Sentado sobre a bacia e apoiado nas mãos, pernas elevadas oblíquamente e bem estendidas. Faça a rotação das duas pernas simultâneamente no mesmo sentido.

VII — Pernas afastadas, tronco inclinado para a frente, b. estendidos e tocando com firmeza no solo: — Dê pequenos saltos, sem modificar a posição de apoio dos b., afastando e aproximando as pernas.

VIII — Apoiado nas mãos, pé esq. e joelho dir.. — Levante-se bruscamente, jogando os b. para cima e ficando em equilíbrio sobre uma das pernas como se fosse dar um salto; depois troque as pernas.

Obs.: — Repete cada um destes exercícios cinco a dez vezes. No intervalo de cada um respira profundamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Estuda bem o exercício para o fazeres correctamente. Antes dos exercícios lava a boca, limpa o nariz e satisfaz as necessidades fisiológicas. Usa pouca roupa, trabalha diante do espelho, se for possível; é mais atraente e facilita a correcção; se notares que não podes fazer o exercício de uma forma completa, trata de executá-lo aos poucos. Nada de ginástica em quarto fechado: ar muito ar fresco e puro. Depois da execução da série de exercícios que hoje publicamos, toma um banho frio e fricciona-te bem.

(De «Natura»)

O VALOR DA Educação Física

A saúde é um benefício que nos foi distribuído, não em igualdade de circunstâncias, mas cuja insuficiência pode ser suprida pela prática de bem cuidada higiene e de metódica, criteriosa e não excessiva cultura física.

Quantas vezes adoecemos, só por nossa culpa, quando uma saúde duradoura se encontra à nossa mercê e só de nós dependente!

Que desculpem os pais, porque bem sabemos que estes só anseiam todo e o melher bem para os seus filhos, mas no entanto o amor que por vezes dedicam a estes é de tal maneira exessivo que, infelizmente, não consideram alguns aspectos da educação que são primordiais para a formão de verdadeiros jovens de hoje e, consequentemente, autêncios homens de àmanhã. Trata-se de alguns pais que habituam os filhos, desde muito novos a permanecerem em casa, por vezes em ambientes nocivos, respirando atmosferas prejudiciais, levando vidas essencialmente sedentárias. Não é assim. Ainda que isto represente algum sacrifício da parte dos progenitores, as crianças, quem diz crianças diz rapazes já feitos, necessitam imenso de sol, ar, muito ar livre, vida de exercício que proporcione aos membros, agilidade, força e pulmões vigorosos e cultura física.

Os jovens precisam de praticar Desporto e para isso torna-se eminente a cultura física!

Quando a Sociedade compreender devidamente isto, a percentagem de débeis raquíticos condenados à tuberculose, numa palavra fisicamente farrapos humanos, apresentará um decréscimo apreciável, surgindo, então, rapazes, futuros homens, sãos, vigoros, «vendendo saúde».

Os exercícios físicos, tanto a educação física como o Desporto, praticados com método favorecem a vida física e mesmo a intelectual, contribuindo para que o jovem atinja aquela plenitude que o tornará mais jovem. Para isto é preciso vontade forte, persistência. Assim, levantarmo-nos meia hora mais cedo do que o costume a fim de praticarmos a «nossa ginástica (porque esta não deverá ser a mesma para todos), trocar um ambiente nocivo dum café ou de qualquer outra casa por um ambiente puro, para ir praticar ginástica, para realizar qualquer outro exercício físico, sujeitar-se a treinos pessoais ou mesmo colectivos de qualquer modalidade desportiva, por vezes a horas incómodas, tudo exige vontade, muita vontade, compreensão e espirito de sacrifício, que, contudo, dignificam todos aqueles que os possuam. Em contra-partida os resultados, isto é, os benefícios pessoais alcançados serão convincentes.

Merçê da educação física, com métodos próprios, é que a Suécia cujo povo definhava e enfraquecia, conseguiu apesar do seu clima rigoroso, criar tipos de verdadeira beleza física, robustos, de estatura avantajada, de porte altivo, decidido e enérgico.

Juventude Portuguesa, é preciso dizer por toda a parte a todos os nossos irmãos de raça, que ao nosso alcance está a nossa salvação, dos nossos e da nossa Pátria.

H. B.

NOTA

Publicamos, hoje, a II Série de Exercícios Físicos que os nossos leitores poderão fazer, depois de durante o passado mês se terem exercitado com a I Série publicada.

Para quaisquer dúvidas que surjam na realização dos exercícios que indicamos para o próximo mês, estamos à disposiço a fim de satisfazê-las, do melhor agrado. Com isto só se prova que obteve bom êxito a nossa iniciativa das Séries de Exercícios Físicos e que a Campanha de valorização física dos nossos rapazes, que nos propomos lançar, está em marcha profícua.

RUMO AO MAR

Fota campanha iniciada pelo Mocidade Portuguesa é chegada até nós para que os seus filiados, filhos de uma Pátria de navegadores não desconhecessem um dos mais atraentes e emocionantes desportos que é a Vela.

Com esta campanha quer a Mocidade Portuguesa que os seus rapazes aprendam a viver e a amar o mar.

Para isto, há entre nós o Centro Especializado de Vela que ensina aos rapazes a arte de bem navegar.

«Rumo ao Mar», não está bem compreendido entre nós, visto ser nele que aprendemos a ser bons marinheiros.

Quão bonito seria ver a nossa baia cheia de velas brancas, e com elas a Mocidade aprendendo a fazer-se obedecer pelo mar!

Snipe

«O desporto é antídoto eficaz contra a moleza e a vida cómoda, desperta o sentimento da ordem, forma no auto-domínio, ensina a enfrentar perigos... O desporto é escola de lealdade, de coragem, de resistência, de decisão, de fraternidade universal... O desenvolvimento da parte física do homem influi no harmónico desenvolvimento da parte espiritural. E este desenvolvimento físico é amplamente conseguido por meio do desporto...

Baseai, pois, a vossa alegria na prática correcta da ginástica e do desporto. Levai para o meio do povo a sua corrente benéfica, para que prospere cada vez mais a saúde física e psíquica, e se fortifiquem os corpos ao serviço do espírito».

Pio XII

'O Desporto no nosso Liceu'

Não há dúvida que no nosso liceu, o desporto ainda não atingiu aquele nível necessário que seria de esperar; vontade não falta a um punhado de rapazes, que no entanto não são ajudados pelos outros, a quem o desporto e a ginástica como base daqueles, não interessa.

O que não há dúvida é que embora com poucos ainda se faz alguma coisa, devido a esses se interessarem verdadeiramente pelas lides desportivas. Não se poderá dizer que é por não haver material, pois este existe em quantidade suficiente. Há também necessidade de interesse por mais modalidades, visto que a vocação de todos não será só para o basket e handeball, mas ainda para muitas outras modalidades que se poderiam praticar mais activamente como o ping-pong, Volley, futebol de salão, ténis e o atletismo que, segundo se pensa, se virá a praticar dentro em pouco tempo. Na nossa rapaziada nota-se um desinteresse pelo cultivo daquilo a que os gregos lá na antiguidade classificavam como essencial para a formação dum povo são, psíquica e fisiològicamente, pois o desporto para aqueles que o podem praticar, só traz vantagem de ordem moral e física. No entanto tenho a impressão que daqui para o futuro esse interesse despertará no peito dos estudantes faialenses, pois o desporto na nossa terra, embora decadente, ainda deu lições às outras terras do arquipélago.

Sejamos uma juventude portadora dum ideal nobre, desportistas no verdadeiro sentido da palavra, para bem da Nação, do Desporto e da M. P..

Helder Porto
6.º Ano

"Desporto Académico"

—Como é tradição, realiza-se no próximo dia 1 de Dezembro pelas 11 horas um festival desportivo, promovido pela M. P., que consta de um encontro de Basket-Ball e outro de Handball de sete, entre as equipes representativas do Magistério Primário e dos filiados voluntários daquela Organização. Ainda, haverá um desafio de Futebol de Salão, entre uma equipe do 1.º ciclo e outra de voluntários do 2.º ciclo.

—Está aberta, no Centro N.º 1 da M. P., inscrição para um torneio individual de Atletismo, a realizar no recinto do Liceu entre filiados daquele Centro, com idade superior a 15 anos. As provas são as seguintes: salto em altura, salto em comprimento, triplo salto em comprimento, lançamento de peso e de disco. Neste torneio estabelecer-se-ão os respectivos recordes daquele Centro, nas respectivas provas, disposição que até aqui nunca se verificou.

O acontecimento está a despertar interesse no nosso meio académico.

—Continua este ano em funcionamento o Centro Especial de Esgrima, sob a competente orientação do Sr. Ten. Horácio Saloio.

São assim os Estudantes...

SE TIVER PIADA...

Aproveitem o 1.º de Dezembro!

—Grande revolução no 5.º ano! Cruzeiro tem a bola, deu a Lisboa, este a Perdigão que vai rematar, mas... entra em campo o Sr. Reitor que pôs termo ao hóquei e à independência dos rapazes, com a deposição do «*headboy*»!

Agora mandam elas! Pobres quintanistas, agora trabalha o ponteiro e mais tarde... mais tarde aguentem-se com a galocha.

A melhor solução ainda é a de aproveitarem o 1.º de Dezembro para a Restauração da Independência.

Esta só de Almanaque...

Temos cá um quartanista, protótipo daqueles alunos cuja vida académica é o seu Desporto favorito, e que na véspera dum exercício que assegurará um *dézinho* no fim do período, é capaz de ir ao cinema só porque não lhe apetece «*encaixar*» um pouco de geografia!

Contudo o fulano declarou-nos que o Cabeço das Moças tinha as seguintes coordenadas geográficas: 28°31' 36,37" de latitude Norte e 28°37' 47,47" de longitude Oeste de Greenwich!

Não elucidamos os nossos leitores acerca da localização do dito Monte, por quanto os dados mencionados são ultra-suficientes.

Agora, Descubram lá o «*marrão*»?

Esclarecimento

Chico, «o nosso veterano», que entrevistàmos no 1.º número deste Jornal, pede-nos para que em seu nome, pùblicamente transmitamos as suas desculpas para com «aquelas» meninas que por acaso se tenham melindrado com a sua opinião acerca das raparigas. Pede-nos ele ainda para acresentar que dos melindres que se tenham dado, não tem culpa!

Camaradagem

—Menina A... A... A...! (Safa! A caneta hoje deu em gaguejar! Bem, mas vamos ao que interessa) Num uno sentimento de camaradagem, lembramos-lhe que tome as previdências necessárias com respeito a esse Sr. Pedagogo, pois que por este andar não lhe damos mais que umas escassas semanas de vida. E temos razão! Pois a Polícia até já deixou de mandar guarda para a esquina da sua casa, porque o tal Sr. Professor, há tempos para cá, se encarregou de lá estar de plantão e... e qusae ininterruptamente.

Será «Crise Asiática»?

Como é conhecido de todos, anda agora na moda a célebre epidemia da grip e asiática. Talvez para ter também o cunho de «chic» há, infelizmente, duas «Senhoras» do Magistério Primário que andam numa crise tão grande, que chega a ser 99% pior do que aquela já nossa conhecida, das garotas do 1.º ciclo.

—Tal crise asiática! Apre!...

(Maria do Prado)

Da Malta...

—Diz-se que os normalistas têm andado a tomar pastilhas de coragem com o fim de poderem, como é tradição, defrontar a malta da M. P., no 1.º de Dezembro, ao Handball e Basket.

E, diga-se de passagem, é deveras atemorizador, pois o ano passado a equipa do Liceu «ofereceu-lhes» um tento de cada (7) ao passo que os Senhores Professores apenas conseguiram uma «batata» para as suas cores.

—Conhecem o Pereira, do qual dizem as más línguas que é filho do Americano que era Cabo de Mar dos Flamengos, sobrinho do Zarela e neto duma avó que era treinadora do «Belenenses»? Tem lá uma mania que salta não sabemos quantos quilómetros no Triplo Salto, contudo temos uma coisa a dizer-lhe: este ano, nem com um triplo salto dos seus o Benfica verá o 1.º lugar. «Downstairs», e bem bom enquanto estiver na 1.ª divisão.

—E o Mómaria! Cada músculo! Bom fisico, não há dúvida!

Vendo isto «ela» não resistiu e atirou-se. Mas... ele não foi no bote!

(Papeis invertidos, não é verdade?)

Diálogo entre duas colegas

Marilú — Que pensas do nosso jornal?

Fidélia — Segundo o meu parecer, acho-o realmente interessante. Tem boa apresentação, bons artigos, o que significa um grande avanço da nossa mocidade. A propósito de artigos, qual a tua opinião sobre o das «siás» professoras?

Marilú — Olha, já ia perguntar-te o mesmo. Realmente, quando li isso causou-me certa impressão por ver como troçavam de futuras professoras, mas se não fossem elas, esses senhores jamais conseguiriam obter o Dr. a que tanto aspiram, nem o *a e i o u* conheceriam, não passando portanto de simples analfabetos.

Fidélia — Qual a tua opinião sobre o que diz o Chico acerca das raparigas?

Marilú — Sobre esse assunto tenho pouco a dizer, porque isso não nos diz respeito. Contudo, o Chico é exagerado porque também temos à nossa volta boas colegas. Todavia, ele deve referir-se àquelas com quem convive.

Fidélia — Tens razão, Marilú, mas espero que depois de ele reflectir um pouco sobre isso mude de opinião.

Henriqueta

O "Arauto" entrevista hoje -MACHADO-

ex-aluno do Liceu Nacional de Ponta Delgada

—Então, Machado, estás contente por te encontrares de novo entre os antigos colegas?

—Sim. Depois de permanecer umas breves semanas em Ponta Delgada onde frequentei o Liceu, regressei ao da Horta onde presentemente me encontro feliz na convivência de antigos colegas e não menos jovens amigos.

—O que nos dizes de Ponta Delgada e do ambiente do seu Liceu?

—Ponta Delgada, como sabeis, é uma cidade maior do que esta da Horta, por conseguinte mais populosa e movimentada.

Possui um bom Liceu. Ali encontrei um nível de estudo muito satisfatório, traduzido pela cultura dos seus professores e pelo aproveitamento de muitos dos meus ex-colegas.

—Dá-nos uma ideia da «malta» micaelense, rapazes e raparigas?

—A «malta» micaelense, como tiveram ocasião de notar, os que com eles conviveram durante a sua curta permanência nesta ilha, é muito académica e, diga-se, bastante sociável.

—Que dizem eles por lá quanto à fundação do nosso jornal e quanto ao seu 1.º número?

—Que foi uma iniciativa digna de respeito e admiração, visto só ter alcançado a realidade, graças aos esforços e à boa vontade de alguns rapazes do nosso Liceu.

De um modo geral simpatizaram com os assuntos do 1.º número do jornal, de stacando-se «Os Dez Mandamentos».

—Descreve-nos o mais acadèmicamente possível uma dessas peripécias que muitas vezes se passam na aula e em que tenhas sido protagonista, a que tenhas assistido, ou ouvido contar no Liceu de Ponta Delgada.

—Não assisti infelizmente a nenhuma dessas peripécias que por vezes provocam grande hilariedade. Contudo a título de curiosidade, narrarei a seguinte historieta que entre os estudantes micaelenses obteve um certo êxito:—Trata-se de um processo rápido para a cura da tão vulgar «asiática». — Compre-se uma garrafa de vinho do Porto, mas do bom, juntamente com uma vela. Coloque-se a vela sobre um prato, pois não será aconselhável pô-la num castiçal. Acenda-se, Tomem-se seguidamente alguns cálices de vinho até que a vela se desdobre em duas.

Indica isto que a gripe está em via de cura, porém não está ainda terminada. Torna-se portanto necessário ingerir maior quantidade do preciosonéctar, para que o doente observe três ou mais velas. Ficará então convencido que a gripe lhe desapareceu por completo.

—Na tua opinião qual é a melhor táctica para passar um ano?

—A melhor táctica é a de passear muito, a fim de se distrair da monotonia das aulas, e estudar pouco para não danificar o espírito.

—Podes-nos revelar o que farias se fosses nomeado por um dia Reitor deste Liceu?

—Mandaria construir imediatamente um salão com todos os requesitos modernos, para o completo, repouso dos nossos alunos.

—Dá-nos uma definição de professor e outra de aluno.

—Professor — Austeridade

Aluno —Simplicidade

—O que pensas da nossa MALTA?

—Muito académica e não menos sociável. Se lhe notam algum defeito, é certamente este — demasiado estudiosa!...

Optimismo Académico

Na Aula de Zoologia

3.º Ano

Professor—Cite o nome dum ruminante.

Barcelos—O Boi.

Professor — Diga outro.

Barcelos—A vaca.

Professor irritado — Você está brincando comigo?!!

Barcelos—Não senhor!

Professor, no mesmo estado — Então é malcriado, atrevido ou estúpido.

Barcelos —!!!

Professor, com novo ataque de nervos — Não ouviu?! Se fôr malcriado ou atrevido tem falta disciplinar, mas se fôr estúpido, está bem!

Barcelos, mais calmo — Sou estúpido.

Na aula de História

5.º Ano

Professora—Quais as principais Universidades Europeias da Idade Média?

Teresinha — ???

Resto da aula (tentando ajudar a colega) — Oxford...

Teresinha — Há! Já Sei. Saxford...

(Por pouco não era Saxofone!)

Ainda na mesma aula...

Professora — Diga-me qual é o étimo da palavra Capitalismo.

Maria Antónia — Banqueiro.

Na aula de Canto-Coral

1.º Ano

No principio do ano, o Professor pergunta à turma—Quem é que tem conhecimentos de música?

Aníbal (Tótó)—Eu! Sei tocar Pifaro!

Na aula de Matemática

Professora — Diga-me o que entende por um teorema recíproco de outro?

Aluna — E' a mesma coisa, dita ao contrário de trás para diante.

Na aula de Filosofia

6.º Ano

Professor — Diz-me o que era històricamente o Delfim?

Paulino — Delfim... delfim é um peixe.

Professor — Não. Não é nada disso. Dá-me outro sentido da palavra?

Paulino — Ah! E' um senhor ali do Pico,

Aula de Matemática

5.º Ano (1955-56)

—Professor—Diga-me o que entende por polígono regular?

Angélica—E' uma figura geométrica de lados e ângulos todos iguais.

Professor — Isso mesmo! Dê-me um exemplo?

Angélica—A circunferência.

Na aula de Português

4.º Ano B

Professor — Diga-me quais foram as causas que terminaram a existência da lenda do Adamastor?

Avelino — O afundamento dos navios ao fundo.

Gazetilha do mês

Foi no Café da MALTA...

Existe p'ra aí um café
A regorgitar de gente.
Uns jogam ao dominó
Outros bebem aguardente...

O dono alto e prudente,
Inimigo da zaragata...
— Pouco lhe agrada ver
A MALTA que não tem prata.

O seu discurso foi ligeiro,
Não com falta de argumento,
E com a vassoura na mão
Pôs na rua toda a gente.

Nem mesmo assim se livrou
Da MALTA tão exigente.
Pois ela pouco ligou
E lá está novamente.

JO